



Ana Maria Caramujo Pires de Campos <anamariacaramujo@uol.com.br>

- Psicóloga Clínica com Especialização em Psicoterapia Junguiana coligada à Abordagem Corporal
- Especialista em Psicologia Clínica - CRP
- Especialista em Musicoterapia - Faculdade Paulista de Artes
- Membro da UBAM – União Brasileira das Associações de Musicoterapia

Palavras Chave:
→Psicologia Integrativa
→Musicoterapia
→Psicoterapia
Musical Junguiana
→Perfil de Tensão

Psicologia Integrativa e Musicoterapia

Este artigo refere-se à psicoterapia junguiana, coligada à Abordagem Corporal, associada à Musicoterapia. Relata um caso clínico tratado através de um recurso musicoterápico – Perfil de Tensão – proposto por BRUSCIA, no atendimento de uma criança vítima de violência passiva (abuso sexual). Trabalho apresentado no XV Encontro de Cinesiologia: A Psicologia Integrativa e suas Interfaces – Mesa II – Interface Arte-Comunidade no Instituto Sedes Sapientiae em 2003.

Jung percebe, desde a primeira infância, que a linguagem verbal e as funções racionais não eram suficientes para expressar o seu intenso mundo interno. Assim, desde cedo mantém uma pequena fogueira sempre acesa; esculpe; faz cidades em miniatura com as pedrinhas; pinta; escreve; constrói sua torre. Analogamente à natureza, o inconsciente produz espontaneamente suas formas, oriundas da função criativa: a religião, os rituais, as organizações sociais, a arte e, finalmente, a consciência.

"...O processo criador, na medida em que o podemos acompanhar, consiste numa ativação do arquétipo, no seu desenvolvimento e sua tomada forma até a realização da obra perfeita" (JUNG apud SILVEIRA,1981).

A arte é capaz de expressar o mundo interno daquele que cria, não somente dando vazão para a tensão interna do mundo interior, como também possibilitando a criação de um produto externo com o qual conseguimos nos relacionar de forma consciente.

Em 1956, Jung recebeu Margaret Tilly, uma pianista de concertos de São Francisco, de origem inglesa, interessada em experimentos sobre o valor terapêutico da música. Esse interesse resultou de sua experiência pessoal com a análise. Tilly foi incitada, por analistas, a informar Jung sobre o seu trabalho. Tilly declara: ...

"Dr. Jung parecia estar literalmente rebentando de curiosidade e interesse. Jung disse: tenho lido e ouvido muito a respeito de terapia musical, e sempre me pareceu tão superficial e sentimental que não me interessei realmente pelo assunto. Mas estes seus trabalhos são inteiramente diferentes, e estou impaciente por ouvir o que você faz. Não posso imaginar o que seja. Por favor, você deve usar a sua linguagem, não a minha." Margaret Tilly ao perguntar: Jung, qual sua relação pessoal com a música? Surpreendeu-se com a resposta: " Minha mãe – disse Jung – foi uma excelente cantora, assim como sua irmã, e minha filha é uma excelente pianista. Conheço toda a literatura... Ouvi tudo e todos os grandes concertistas e intérpretes, mas agora não ouço mais música. Fatiga-me e irrita-me.... Porque a música lida com material arquetípico e, hoje em dia, aqueles que a tocam não percebem isso..." Tilly: 'Compreendi porque se divulgou a idéia de que Jung não tinha especial simpatia pela música. Ela interessava-lhe demais, não de menos.'

...Trabalharam durante uma tarde. Jung submeteu-se à terapia musical ao mesmo tempo em que pedia explicações e esclarecimento acerca da mesma. Tilly contou-lhe numerosos casos. Jung exclamou:

"Mas isto abre todo um novo campo de pesquisa com que eu nem mesmo sonhava! Por causa do que você me mostrou esta tarde... Não só o que disse, mas o que eu realmente senti ouvindo-aacho que doravante a música deve ser uma parte essencial de toda a análise. Isso alcança o material arquetípico profundo que nós podemos atingir, por vezes, em nosso trabalho analítico. É extraordinário (MCGUIRE E HULL, 1977)."

Desde os primórdios da humanidade, a música foi utilizada de forma terapêutica. E o fazer musical, independentemente da formação musical do indivíduo, é uma das formas que o indivíduo tem para expressar seus conteúdos inconscientes e se conscientizar dos mesmos.

MÚSICA E OS HEMISFÉRIOS CEREBRAIS

Segundo SPRINGER E DEUTSCH (1998), "... Os aspectos da habilidade musical não residem, exclusivamente, no hemisfério direito. O hemisfério esquerdo é responsável por aqueles aspectos do processo musical que requerem julgamentos sobre duração, ordem temporal, seqüência e ritmo. O hemisfério direito é diferencialmente envolvido quando são exigidos julgamentos sobre memória tonal, timbre, reconhecimento de melodia e intensidade.

O hemisfério direito é responsável pela altura; sons; acordes; imagem; orientação espacial; análise de um padrão num instante; simultaneidade. É holístico, intuitivo. O hemisfério esquerdo é responsável pela percepção da fala; produção da fala; ritmo; prosódia; acentuação; leitura; escrita; memória; análise de um padrão durante um tempo; seqüência. É lógico, analítico.

Esse esquema é válido para o cérebro do não músico, pois o cérebro do músico processa essas informações nos dois hemisférios. O corpo é música e, também, o nosso principal instrumento. Música e corpo remetem-nos ao auto-conhecimento e a uma consciência maior. Os instrumentos musicais são prolongamentos do nosso corpo e através deles expressamos conteúdos da psique.

A música é uma arte que se manifesta através de todas as funções psicológicas propostas por Jung: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Dependendo do tipo psicológico ao qual pertence, o indivíduo ouve, comprehende e projeta a música e se relaciona com os instrumentos musicais, de uma forma específica e individualizada. No entanto, podemos dizer que a música, de forma geral, atua diretamente no sistema límbico, responsável por nossas emoções, principalmente o tálamo.

A seguir será relatado um caso para ilustrar o trabalho de Psicoterapia Musical Junguiana Coligada à Abordagem Corporal.

RELATO DE CASO

Criança de 5 anos abusada sexualmente pela babá.

Queixa: insegurança emocional, recusava a ir ao colégio, ficava horas chorando no portão. Segundo a mãe, ele estava agressivo, principalmente, com ela.

Foi utilizado nesse caso o Perfil de Tensão, (BRUSCIA, 1977).

Segundo Kenneth Bruscia (BRUSCIA,1977), os Perfis de Avaliação em Improvisação (IAPs) têm por objetivo fornecer um modelo de avaliação do cliente, baseado na observação clínica, análise musical e interpretação psicológica da improvisação do cliente. Os IAPs consistem de cinco perfis, cada um dos quais contendo sub-escalas em separado para os vários elementos musicais e seus componentes. Embora traçados para serem utilizados em conjunto com uma bateria ampla, os vários perfis e escalas podem ser usados separadamente, sempre que a avaliação específica das necessidades do cliente assim o indicar.

Todos os Perfis de Avaliação em Improvisação (IAPs) podem ser utilizados como avaliação e, nesse caso, o Perfil de Tensão foi utilizado como um recurso dentro da Psicoterapia Musical numa Abordagem Junguiana coligada à Abordagem Corporal.

“

a música lida
com material
arquetípico e,
hoje em dia,
aqueles que
a tocam não
percebem isso

”

“

o corpo é música
e, também,
o nosso principal
instrumento

”

“
A enantiodromia é um princípio psicológico que faz com que a energia oscile entre opositos de forma pendular

”

Integração, Variabilidade, Tensão, Congruência, Saliência e Autonomia fornecem critérios específicos para analisar a improvisação, e também são perfis que estão compatíveis com a fundamentação teórica da Análise Junguiana.

Numa perspectiva analítica, a música do indivíduo é uma projeção simbólica de aspectos inconscientes do *self*. Os elementos musicais e os processos através dos quais eles se revelam e interagem dentro da improvisação (isto é, integração, variabilidade, etc.), são representações simbólicas de elementos inconscientes e dos processos através dos quais esses elementos se revelam e interagem na personalidade. Cada elemento musical representa simbolicamente um aspecto particular da personalidade, e cada processo musical corresponde a um processo psicológico.

Neste caso clínico, o que se propõe não é a avaliação, mas a utilização do Perfil de Tensão na Improvisação dentro do processo de Psicoterapia Musical Junguiana como um recurso facilitador para o cliente experimentar e expressar a tensão dos conteúdos internos que surgem das situações de conflito entre opositos e que através do princípio de enantiodromia, buscam um novo equilíbrio da energia psíquica.

Na Psicologia Analítica, proposta por Carl Gustav Jung, dentre os conceitos que fundamentam sua teoria, encontramos o de Arquétipo, que significa: padrão, modelo, tipo impresso.

“O conceito de arquétipo... deriva da observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda parte.” (JUNG, 1989)

Os arquétipos são situações típicas partilhadas por toda a humanidade, desde o início do seu processo evolutivo, contendo seus opositos, que se manifestam ao longo da existência. Por exemplo: nascimento e morte; mãe e pai; princípio feminino e princípio masculino; casamento e separação; ritos de iniciação e de passagem, etc. Na medida em que o ego individual se diferencia, o indivíduo vai se identificando ou desenvolvendo um dos opositos. E quando chega no extremo, através de um movimento compensatório chamado enantiodromia, a energia, automaticamente, vai para o outro oposto através do movimento pendular, que é uma busca dinâmica de equilíbrio. Por exemplo: um indivíduo profissionalmente muito onipotente, no extremo da onipotência, pode ser levado, pela enantiodromia, ao extremo da impotência através de uma hemiplegia como resultado de um acidente vascular cerebral, tornando-se dependente do outro.

A enantiodromia é um princípio psicológico que faz com que a energia oscile entre opositos de forma pendular. Uma atitude unilateral de vida provoca imediatamente um quantum de energia no sentido oposto, na tentativa de promover o equilíbrio dessas forças, e de transformar essa atitude.

Na experiência clínica observa-se que os indivíduos buscam ajuda terapêutica, na maioria das vezes, quando adoecem física ou psicologicamente, por terem vivido de forma unilateral, seja profissionalmente, na área familiar ou na afetiva. Assim, cria-se uma tensão interna que o obriga a refletir e transformar sua atitude. Através da técnica de amplificação, levamos essa tensão ou unilateralidade ao extremo, acionando

psicologicamente o princípio da enantiodromia. Assim, os conteúdos automaticamente se transformam em seus opositos em busca de um novo equilíbrio. Na psique este é um processo cíclico e rítmico.

O Perfil de Tensão na Improvisação foi, aqui, escolhido como um recurso técnico por proporcionar ao indivíduo a experiência do aumento da tensão, através da improvisação musical, e consequente relaxação, promovendo o fortalecimento do ego, desenvolvendo recursos internos para melhor lidar com as tensões do dia a dia, sem precisar adoecer física ou psicologicamente. Em última instância, favorece para que o indivíduo possa experimentar, sem muita ansiedade, e de forma adequada e saudável, a contracorrida dos opositos.

Para ilustrar a utilização do Perfil de Tensão, num processo terapêutico de orientação junguiana, será relatado, de forma sucinta, as três primeiras sessões de uma criança; em especial, a terceira sessão, em que foi utilizado o recurso de improvisação musical, provocando uma tensão oposta que resultou em uma nova atitude, decorrente da relaxação que se seguiu. Trata-se de uma criança, de 5 anos, vítima passiva de violência (abuso sexual por uma babá), que necessita experimentar uma atitude de contraposição à autoridade, não atendendo à imposição de ordens e regras; apresentando um comportamento de inquietação, ansiedade e impulsividade, que a impedem de se relacionar afetivamente. Apresenta um relacionamento simbiótico com a mãe, prejudicando sua ida à escola. A criança foi encaminhada pelo colégio para uma avaliação psicológica e orientação de pais. Para assegurar o sigilo, a criança será, aqui, chamada de Peter.

Na primeira sessão, Peter teve dificuldade de entrar no consultório e também na sala, só entrando com o irmão de 8 anos, enquanto a mãe ficou na sala de espera. Peter foi se arrastando pelo chão, desde a sala de espera, enquanto verbalizava: “meu pinto não vai ficar sujo”. A terapeuta tentou estabelecer o rapport, mas percebeu uma grande resistência por parte de Peter. Percebendo que P. gostava de desenhar, a terapeuta sugeriu que ele realizasse os desenhos do teste projetivo HTP, e Peter aceitou desde que fosse desenhado no chão. Ele realizou os desenhos com muita rapidez e, em seguida, experimentou, rapidamente, com uma certa inquietação, alguns instrumentos como: calimba, reco-reco, maraca, chocalho, ganzá e guizo, sempre perguntando o que era cada um deles, pedindo à terapeuta que os nomeasse, sendo que imediatamente depois ele os guardava no armário; por último, apontou para o teclado, mas logo fechou o armário de instrumentos, e escolheu brincar com o jogo de botões. P. jogou com o irmão, de forma desorganizada, sem regras. Quando foram avisados que o tempo estava acabando e pediu-se sua ajuda para guardar os brinquedos, pegaram imediatamente a bola e começaram a jogar ansiosamente, quase atingindo a luminária. A terapeuta apontou-lhes o perigo de estourar as lâmpadas e machucá-los, e terminou a sessão conversando a respeito deste fato.

Na sala de espera, Peter se dirigiu à mãe pedindo um copo de água, e então a terapeuta os acompanhou até a cozinha para se servirem da água. Ele encheu o copo, virou na boca enchendo-a, e foi cuspido pelo chão da cozinha, e no corredor, enquanto andava e ria compulsivamente. A terapeuta chamou a sua atenção dizendo que teria que limpar o chão, mas ele se recusou, dirigiu-se à sala de espera e começou a fazer muita bagunça com o irmão, mexiam em tudo ansiosamente.

“
o Perfil de Tensão na Improvisação ... favorece para que o indivíduo possa experimentar, sem muita ansiedade, e de forma adequada e saudável, a contracorrida dos opositos

”

“
a terapeuta
vai aumentando
cada vez mais
a intensidade,
acelerando o
andamento, ...
propondo sempre
um diálogo
dos contrários
”

Não obedeciam a mãe que os repreendia. De repente, Peter jogou o tênis para o alto, chutando com o pé, subiu no sofá, quando na tentativa de pegar o tênis da mão do irmão, se jogou de cima do sofá, para trás, como que inconsciente do perigo, batendo com as costas num vaso. Tudo aconteceu em fração de segundos, sem que fosse possível ter sido feito qualquer coisa. Isso tudo aconteceu ao lado da mãe. Peter chorou muito, a mãe se certificou de que estava bem, repreendeu-o e o fez limpar a água cuspida.

Na segunda sessão, ele continuou muito resistente, demorou para entrar no consultório, não queria entrar na sala, então a terapeuta foi à sala, com a porta aberta, e começou a tocar cantigas de roda no teclado (atirei o pau no gato, ciranda cirandinha, escravos de Jó). Então, pouco a pouco, a criança foi se aproximando até entrar, aproximou-se do teclado experimentando tocá-lo. Peter pediu para a terapeuta parar de tocar e passou a explorar o teclado, experimentando vários timbres de instrumentos e vários ritmos: aumentava e diminuía a velocidade, o volume do som, ligava e desligava o teclado, e, de tempos em tempos, apertava o *demo* para ouvir a música pronta. Quando se sentiu satisfeito, desligou o teclado, e pediu para a terapeuta abrir a caixa do acordeon para ver o que tinha lá. Ao ver o instrumento pediu que ela o tocassem. Enquanto a terapeuta se preparava para tocar o acordeon, Peter, fechou a janela, apagou a luz, dizendo: "continua tocando no escuro". A terapeuta continuou tocando cantigas de ninar. Então, Peter indagou: "Você continua tocando no escuro"?! ... Pronto! Vou acender a luz. Tá na hora de ir embora?! Quero ir embora prá minha casa. A terapeuta explicou que ainda tinha alguns minutos, e o convidou para experimentar o acordeon. Peter se aproximou, perguntou como tocava, e começou a experimentar os baixos, então a terapeuta repetia o que ele executava só que no teclado do acordeon; e quando ele tocava o teclado, ela espelhava só que nos baixos. Peter olhava para a terapeuta e sorria levemente. Parece que ele está se vinculando com a terapeuta. Entretanto, continuava reagindo agressivamente frente às frustrações e ao limite estabelecido.

Levando em conta o seu histórico, a terapeuta permitia a expressão de seu descontentamento frente ao limite, e até encorajava seu comportamento de oposição, pois considerou saudável sua tentativa de se contrapor à autoridade, já que sofreu a violência por um adulto. E, paralelamente, foi trabalhando através da música essa oposição que foi sendo experimentada, principalmente, a partir da terceira sessão, através da improvisação: Peter num determinado momento da sessão executa glissandos¹, primeiro na cítara pentatônica, que ela trouxe espontaneamente, e em seguida no teclado – primeiro nas teclas brancas, depois nas teclas pretas, na forma ascendente, enquanto a terapeuta responde com glissandos descendentes (o oposto), e vice-versa, fazendo o oposto do paciente. No início mantendo a mesma intensidade, andamento, altura do som produzido por Peter (espelhamento), utilizando a mesma extensão que ele usa, e pouco a pouco, num crescendo a terapeuta vai aumentando cada vez mais a intensidade, acelerando o andamento, aumentando o volume do som, propondo sempre um diálogo dos contrários (se Peter executa glissandos ascendentes, ela propõe glissandos descendentes, e vice-versa). No início, ela mantém os contrários num espelhar enquanto intensidade, duração, andamento, volume do som, e extensão utilizada para os glissandos, mas pouco a pouco vai

1. No piano e na harpa, executar rapidamente, com a ponta dos dedos, uma seqüência de notas ascendentes ou descendentes.

alternando esses elementos propondo também aí uma contraposição, e o resultado é que no decorrer da sessão Peter vai respondendo à mesma, estabelecendo um diálogo de contraposição até que se constele o máximo de tensão e como consequência, ele grita: "Pára !... Em seguida começou a tocar suavemente as teclas brancas do teclado, na tentativa de produzir uma melodia em terça maior. A terapeuta observou que Peter, no decorrer da sessão, pareceu menos ansioso, conversou, fez perguntas, estabeleceu vínculo. Depois escolheu jogar futebol, e desta vez, lidou melhor com as dificuldades encontradas no jogo, pareceu suportar mais a frustração de não fazer o gol, ou receber um gol do adversário, respeitou as regras, e na hora de ir embora, ajudou a guardar tudo, prontamente. Nas sessões seguintes, entrou na sala sem relutar, enquanto sua mãe ou o motorista, com o qual tem um bom vínculo, esperavam na sala de espera; abria o armário de brinquedos, ou dos instrumentos e escolhia a atividade que queria desenvolver na sessão; muitas vezes, vinha com algum instrumento de brinquedo, de casa, mas ao chegar na sala escolhia um instrumento do armário.

Peter continuou a apresentar comportamentos de contraposição, no decorrer da terapia, mas ao perceber uma resposta firme e amorosa, aceitava as regras sem tanta dificuldade. Parecia mais seguro emocionalmente, menos impulsivo, conseguiu estabelecer vínculo com a terapeuta; parece ter compreendido o processo terapêutico.

Na escola, os professores, a coordenadora e a orientadora pedagógica perceberam uma maior autonomia e independência da criança em relação à mãe, assim como uma significativa melhora na atenção e concentração. Também passou a se relacionar mais adequadamente com os colegas. Os pais perceberam que Peter estava mais carinhoso, menos ansioso, mais tranquilo, mais seguro afetivamente.

Peter, em seis meses de terapia, conseguiu lidar adequadamente com suas dificuldades afetivo-emocionais e resgatar a sua verdadeira personalidade. Nos dois meses subsequentes foi trabalhado seu desligamento da terapia, pois parecia ter superado adequadamente sua impulsividade e a sua insegurança.

Foi possível perceber a eficácia do Perfil de Tensão utilizado como recurso neste processo terapêutico, onde a improvisação musical possibilitou a amplificação do nível de tensão, de tal forma que, pelo princípio da enantiodromia, promoveu-se o surgimento da polaridade oposta, obtendo uma adequação de resposta.

O Perfil de tensão, um dos Perfis de Avaliação em Improvisação (IAPs), proposto por Bruscia, nesse caso, facilitou o processo de tratamento psicoterápico na superação do trauma causado por abuso sexual. ■

Bibliografia

- SILVEIRA, N. da, **Jung – Vida e Obra**. 7ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p. 166.
MC GUIRE, W. E HULL, R. F. C., **C. G. Jung: Entrevistas e Encontros**. 1977
SPRINGER & DEUTSCH, G., **Cérebro Esquerdo, Cérebro Direito**. São Paulo, Summus, 1998.
BRUSCIA, K.E., **Improvisational Models of Music Therapy**. Springfield, IL Charles C. Thomas Publishers, 1977.
JUNG, C. G., **Memórias, Sonhos e Reflexões**. 11ª. ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1989, p.352.

“
a improvisação
musical possibilitou
a amplificação do
nível de tensão
”